

GABRIEL CHALITA

“**H**oje completo 54 anos. Meu Deus, é mais de meio século! Quando criança gostava muito de conversar com pessoas mais velhas. Achava lindo ficar imaginando quantas histórias teriam vivido, sofrido. Quantos amores teriam se perdido em tanto tempo de vida. Contemplava o tempo como se fosse algo que não me afeitasse. Criança é assim. É naturalmente despreocupada com o dia de amanhã.

Hoje completo 54 anos e me sinto ainda criança. Não perdi a vontade de viver e de sonhar e de fazer. Continuo emocionando-me com as coisas simples que presencio no cotidiano, sobretudo aquelas não ensaiadas, que parecem saídas de algum espetáculo grandioso. Coisas que vivo na periferia de São Paulo, nas cidades pequenas do interior, no contato com líderes comunitárias que atuam como heroínas anônimas e todos os dias guerreiam com a galhardia das mulheres que vieram ao mundo para gerar. Gerar filhos, gerar valores, gerar humanidade.”

GABRIEL CHALITA

Seis lições de Solidariedade

Editora Gente

GABRIEL CHALITA

Seis lições de Solidariedade

com Lu Alckmin

Editora Gente

3ª EDIÇÃO

ISBN 85-7312-480-6



9 788573 124804

www.editoragente.com.br

Era mais uma história registrada no meu caderno, para nunca ser esquecida, para receber ajuda, para buscar solução. Eu seguia minha trajetória, caderno e lápis em punho, anotando tudo o que via, procurando alternativas, oferecendo apoio, fazendo parcerias para ajudar. Registros de mulheres que emocionam pela generosidade e pelo empenho em gerar benefícios para suas comunidades, mesmo cercadas por graves problemas. Eis um grande mérito de poucos: Não deixar a dureza da vida endurecer o coração. Manter a pureza da essência. Essa foi a maior riqueza encontrada durante minha peregrinação. A cada nova visita, em cada comunidade que conhecia, via mais mostras da solidariedade desse povo tão carente que nem por isso deixa de ajudar.

Muitas histórias. Histórias lindas, comoventes. Histórias da bondade das pessoas. Como a que presenciei no Grajaú, num lugar muito pobre chamado Cantinho do Céu. Lugar onde muitas pessoas não têm sequer sapatos. As mulheres que têm emprestam para as outras usar quando vão sair.

Eu caminhava com dona Floripes, que naquele dia não pegou um sapato emprestado. A mulher seguia assim, descalça, pés sobre a terra quente, solas cajeiadas que mal sentiam a aspereza das pedras e o vivo calor que se desprendia do solo. Maior que a aspereza das pedras era a aspereza da vida, pensava eu enquanto via Floripes colocar pé ante pé em decididos passos e seguia a seu lado pelas velas de Cantinho do Céu. A



Pag. 187

cada trecho, mais pobreza nas ruas. Crianças subnutridas brincando com restos de lixo. Mulheres indo e vindo em sua dura labuta diária pela sobrevivência. Floripes cumprimentava a maioria, conhecia muitas delas. Faziam parte da mesma luta. Irmãs. Por mais que caminhássemos — e nós duas andamos bastante — eu não me conformava com o fato de aquela mulher seguir descalça pelas ruas. Sabia que não era opção. Era necessidade. Estava envolvida nesses pensamentos quando vi uma senhora se aproximando, vizinha de minha companhia Floripes. “Dona Floripes, a senhora podia me dar um pouquinho de arroz e feijão?”, perguntou, em seu jeito simples. Sem pensar, Floripes respondeu automaticamente: “Claro, minha filha, vai lá em casa e pega também um pouco de café e açúcar”. Mais uma lição. Mesmo quando a gente acha que uma pessoa não pode dividir porque não tem nada, passa dificuldades, ela mostra que é possível dar, partilhar. Sempre há alguém precisando de algo que temos e podemos ceder. Aquela mulher pobre, sem sapatos, dividia o pouco que tinha com os outros. Nunca mais me esqueci desse gesto solidário. E, se aquele lugar era o Cantinho do Céu, dona Floripes só podia ser mesmo um anjo.

Assim correu o ano, com várias líderes se aproximando de mim. E eu passava a fazer, aos poucos, parte dessa rede de solidariedade. Encontrava nas líderes comunitárias grandes parceiras, mulheres a quem não só ajudava, mas com quem trocava experiências, cria-

va vínculos, formava uma irmandade. Nesse meu caminho entre ruas de terra e vielas estreitas, encontrei mulheres miseráveis, os olhos tristes por ver seus filhos com fome. Tive oportunidade de percorrer quase toda a periferia de São Paulo. Foi assim que conheci as regiões mais pobres da capital. E tive a honra de me tornar amiga de cada uma das líderes comunitárias que conheci. Meu Deus, quantas lições aprendi! Como tem gente boa neste mundo!

— É, mãe, as pessoas gostam de glamorizar a maldade. Acham que ninguém presta. Que todo mundo é desonesto.

— Filha, você não sabe quanto aprendi e aprendo com essas líderes comunitárias. Como elas se multiplicam na arte de acolher, na generosidade, na capacidade de amar.

A jornada acabou durando um ano e meio. Começava de manhã bem cedo e terminava no início da noite. E eu sempre gostei de estar na favela, entre as pessoas que precisam. O carro que recebi do partido para percorrer os bairros carentes, entreguei com oito mil e quinhentos quilômetros percorridos. Cumpri minha meta. Se meu marido era candidato a prefeito, eu não queria começar minha atuação sem conhecer a fundo os problemas que iria enfrentar. Agora, sabia-os de cor e ansiava por ajudar aquelas pessoas. Todas aquelas mulheres que esperavam por meu braço estendido, que viam em mim um apoio. E isso aumentava minha responsabilidade e meu desejo de ajudar.

— É, mas o papai acabou perdendo a eleição.
— Coisas da vida, filha. Depois acabou virando governador e todo esse meu aprendizado valeu a pena.
— Mãe, qual é o seu grande sonho?
— Durma, Sophia. Outro dia a gente conversa sobre isso. Durma e nunca se esqueça de que vale a pena viver a bondade.



Fernando Lambert



Fernando Lambert

No Cantinho do Céu